



O ENEM NAS AULAS DE LITERATURA: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE ENSINO

Rosana Meira Lima de Souza

É difícil pensar/estudar sobre a literatura no Brasil sem, igualmente, problematizar as complexas práticas sociais de leitura que se estabelecem em nosso país. Quase a totalidade de nossa população considera que o ato de ler é importante, além de o entenderem como uma atividade prazerosa. A desvalorização da leitura não se constituía como a principal fragilidade no respectivo cenário, apesar de ser esse o alvo das principais ações mediadas por instituições culturais e escolas: o convencimento sobre a relevância de ler. Quanto mais tempo na escola, maior a significação reservada à prática leitora e maior a influência que o professor exerce sobre ela. Essa falta de sustentação do discurso de que o brasileiro não gosta de ler, não significa, no entanto, o fim das inquietações; pelo contrário, refina nossa sensibilidade para os problemas reais. Muito embora as investigações abordem a prática da leitura em seu sentido mais amplo, as lentes que pretendemos utilizar nesse momento se voltam para a relação entre os diferentes grupos sociais analisados e a leitura literária.

Palavras-chave: Literatura, Ensino, Letramento Literário.

INTRODUÇÃO

Esse quadro nos conduz a problematizações relevantes, tomadas como ponto de partida para nossa discussão. Como, por exemplo, considerar que modos de disponibilização do texto literário efetivados pela instituição escolar não são capazes de garantir o posterior acesso ao consumo desse tipo de cultura. Ou sob que condições a leitura literária se dá na escola, a fim de não garantir – não em sua totalidade, mas pelo menos em grande parte dos casos – a formação de um leitor de literatura autônomo em suas escolhas, capaz de apreciar e significar construções verbais de cunho artístico, fazendo disso parte de seus “fazeres e prazeres” (PAULINO, 1998, p. 8). Se, como afirma Machado (2003), em nosso país a escola funciona como mediadora quase exclusiva do acesso à literatura, continua sendo primordial pensar sobre que fatores tornam as diversas práticas pedagógicas bem sucedidas ou não. Ora, mesmo que sejamos um pouco simplistas ao afirmar – a partir dos dados apresentados no parágrafo anterior – que o acesso ao ensino garante (se não a leitura efetiva), ao menos precariamente, a crença de que a leitura é importante, que concepções e metodologias contribuem para que a arte literária permaneça enclausurada entre as paredes da sala de aula, suprimindo muito de sua natureza universal e humanizadora. Na mediação do acesso a esse tipo de cultura (em semelhança ao que fez a Igreja em determinado período da História), ao



selecionar aquilo merece ser transmitido e reconhecido do que não merece, reproduzindo, continuamente a distinção entre o consagrado/ilegítimo, como também, entre maneiras autorizadas/não autorizadas de abordagem do texto literário (BOURDIEU, 1996), a instituição escolar, e de forma mais abrangente o sistema de ensino brasileiro, podem estar negando o acesso e o direito à Literatura (CANDIDO, 2012).

Diante disso, as pesquisas acadêmicas em Ensino da Literatura vêm procurando, desde a década de 1960, analisar, compreender e fornecer subsídios para as metodologias através das quais se dá esta “escolarização” da arte literária, que não se confunde, segundo Soares (1999), com um processo pedagogizante, restritivo; mas com uma dinâmica inevitável da formalização, organização e planejamento do ensino da Literatura nas escolas. Para a pesquisadora, grande parte destas investigações está preocupada em elucidar quais seriam as mediações adequadas, responsáveis por aproximar o leitor da literatura, fazendo a distinção entre estas (bem sucedidas) e aquelas que estimulam o processo inverso, o de afastamento (SOARES, 1999, p. 47). Ou seja, analisar até que ponto as práticas institucionalizadas pela escola são capazes de fazer com que a leitura ultrapasse os limites da sala de aula, funcionando como via de acesso para a formação de consumidores autônomos de literatura, aptos para realizar escolhas conscientes, e, sobretudo, manter hábitos leitores em suas vidas sociais. De acordo com Paulino (1999) o sujeito que cultiva tais práticas é competente no que diz respeito ao letramento literário. Deste modo, ele não apenas extrapola a apropriação socializada do mundo da escrita (o letramento em seu sentido restrito), como também a cultiva enquanto uma atividade mais estética do que pragmática. Tal ação é possível graças à disposição do leitor à leitura, isto é, pela propensão ao pacto que temporariamente suspende a realidade imediata do receptor, levando-o a experimentar o texto ficcional.

Se, no entanto, um ensino básico despreparado para a construção do letramento literário constitui-se como uma das dificuldades situadas entre texto literário e leitor, quando destacamos o ensino médio, nos deparamos – conforme analisa o professor Aldo de Lima (2012) – com uma pedagogia do *digesto*. Esta consiste na utilização de uma resumida informação histórica, adaptações de livros, condensação de obras da Literatura brasileira, além do uso indiscriminado da crônica. Caracteriza-se como uma prática que, ao adotar a tendência contemporânea para a síntese, exclui do ensino médio a leitura e a fruição da Literatura, assim como a reflexão crítica a seu respeito, delimitando o seu “estudo” tão somente para “responder, sumariamente, a duas ou quatro questões de um concurso de vestibular ou do Enem (...)” (LIMA, 2012, p. 44-45). Neste último, segundo



pesquisa realizada por um grupo de professores do Instituto de Letras do Rio Grande do Sul, em 2010, o espaço destinado ao gênero literário é restrito, quando comparado à predominância de outros mais frequentes como, por exemplo, os quadrinhos; segundo gênero mais presente na avaliação.

Assim, a importância crescente que as avaliações do Enem vêm assumindo a cada ano na realidade dos estudantes brasileiros, muito tem a revelar sobre a formalização e unificação dos nossos conteúdos de ensino. No nosso caso, mais especificamente, do ensino da Literatura. De avaliação opcional, antes destinada apenas ao diagnóstico dos níveis de saída dos alunos à conclusão da Educação Básica, a prova passou a ter um *status* quase de obrigatoriedade, por funcionar como instrumento de acesso às principais instituições públicas de educação superior. A submissão ao exame é exigida para o cadastro no Sistema de Seleção Unificada, o SISU, além de ser critério para a emissão do Certificado de Conclusão do Ensino Médio.

Logo, um estudo aprofundado sobre esse sistema de avaliação pode nos revelar elementos importantes a respeito das competências e habilidades institucionalizadas em nossa sociedade e sistemas de ensino. No caso da literatura, inserida no grupo de Linguagens, Código e suas Tecnologias, interessa-nos saber se os procedimentos avaliativos estão em consonância com as atualizações da Teoria e dos Estudos Literários, que concebem o leitor como parcela fundamental na constituição dos significados do texto; além de entender a literatura como uma manifestação de mimesis, vinculada à realidade, mas ao mesmo tempo liberta das normas que a regem, pois capaz de estimular a produção de significados que não se submetem estritamente ao contexto em que a obra está inserida. Também é de nosso interesse analisar as possíveis influências que a referida avaliação exerce na formação do leitor literário, concludente da educação básica, em algumas das instituições públicas de ensino da Região Metropolitana do Recife. A análise destes e outros fatores se dará, sobretudo, através da aproximação dos campos da Teoria da Literatura e do Ensino, cabendo a primeira a função de elucidar o que pensam ou exigem da literatura os diferentes participantes desta dinâmica, como escola, professores, alunos e, em sentido mais amplo, o próprio contexto sociocultural que lhes é contemporâneo.

É importante expor que um estudo sobre a concepção de literatura vinculada às avaliações do ENEM poderá compor uma perspectiva relevante para os estudos que já vem sendo realizados no campo do Ensino da Literatura. Esta vertente funciona como um complemento às atuais pesquisas que analisam as concepções de literatura nos currículos oficiais, no discurso dos alunos e



professores, além de sua consequente influência na prática pedagógica. Os diferentes vieses de análise sobre um mesmo objeto de estudo irão propiciar um diálogo enriquecedor a respeito destes elementos que assumem, de certo modo, o papel de mediadores entre leitor e literatura.

Na sociedade brasileira, como pontuado anteriormente, embora constatados altos índices de analfabetismo, além do baixo consumo de obras literárias, ainda persiste, como defende Santiago (2008), a existência de um aquecido mercado editorial. Este se alimenta, segundo o crítico, das exposições de assuntos relacionados à literatura nas outras mídias de comunicação:

A fala de quem exerce o ofício literário pode ser sintonizada sem graves empecilhos na mídia [...] – em especial na televisão a cabo, mas não exclusivamente. Concedida aos pares da mídia televisiva, a entrevista serve muitas vezes ao escritor de trampolim para discussões públicas sobre ideias *implícitas* na obra literária. O livro é raramente apreciado pela leitura. Consome-se a imagem do intelectual, assimilam-se suas ideias, por mais complexas que sejam (SANTIAGO, 2008, p. 65).

Podemos concluir, a partir da constatação do ensaísta, que os setores midiáticos, preocupados em dinamizar o consumo da literatura, oferecem formas de acesso que, não necessariamente, incluiriam o consumo da obra. Tais formas de divulgação também funcionam como filtros que elaboram um tipo de “seleção” em relação ao que irá ser consumido, influenciando a escolha dos leitores, por meio de critérios de divulgação, possivelmente, meramente mercadológicos.

Essa perspectiva de acesso, no entanto, encontra-se restrita a uma parcela menor da população, uma vez que o tipo de programação/divulgação não se vincula, como explica Santiago (2008), à TV aberta (embora façamos a ressalva de que o acesso a canais pagos parece está cada vez mais democrática)¹. Outras formas de intervenção e “filtragem” com relação ao acesso à literatura que estão presentes em nossa sociedade e atingem um público bem mais extenso, encontram-se presentes em nossas instituições de ensino. Machado (2003), em sua Tese **A literatura e sua**

¹ Uma análise interessante que aqui não chegamos a aprofundar e que não chega a ser contemporânea de Silvano Santiago, poderia ser realizada por meio da observação das diversas divulgações de frases e trechos de obras de escritores que circulam nas redes sociais, a exemplo do *Facebook*. Este tipo de “compartilhamento” produz uma popularidade significativa da figura do escritor, muito embora não garanta que aqueles que se identificam com a divulgação e passam a conhecer determinados autores, cheguem a ser consumidores de suas obras. Outro aspecto relevante em relação a este comportamento diz respeito a confiabilidade da autoria, que nem sempre corresponde à veracidade.



apropriação por jovens leitores, percebe que em comunidades onde o acesso à leitura é mais restrito, as escolhas dos alunos estão fortemente atreladas ao contato do que é oferecido pela escola. Essa influência, caso seja bem sucedida, caracterizando-se como uma “escolarização adequada da literatura” (SOARES, 1999, p. 47), irá determinar as futuras escolhas do aluno-leitor, que podem acontecer de maneira autônoma ao que foi ensinado.

As instituições de ensino, no entanto, assim como os programas de TV (pedimos licença para a comparação) também fundamentam suas escolhas em critérios que podem ser influenciados, indiretamente, pelas propagandas de divulgação, como podem estar tentando atender a exigências avaliativas, como é o caso das avaliações do Enem. Nossa experiência docente nos revela que no Ensino Médio, com mais ênfase nas instituições particulares, mas não deixa de acontecer também nas públicas, há uma preocupação e um clima de expectativa com relação às avaliações às quais os alunos irão se submeter ao fim da Educação Básica. Algumas escolas adaptam seus conteúdos e metodologias exclusivamente ao preparo para a realização das provas, que anteriormente eram apenas de vestibular, mas que agora, devido a maior amplitude, concentram-se também no Exame Nacional.

Se a escola assume, como já demonstrado, a função de mediadora das escolhas literárias realizadas pelos alunos, torna-se relevante a investigação dos critérios que determinam as escolhas e seleções da escola. Sabemos que o Enem não se constitui como a única dessas influências, mas o perfil que o caracteriza: ser uma avaliação produzida e legitimada pelo Ministério da Educação; torna-o um procedimento institucionalizado. Por isso, o estudo dos métodos e abordagens presentes na prova, muito tem a nos revelar sobre: que espaço cabe à literatura na sociedade; que conhecimentos literários se espera que o aluno adquira ao fim da Educação Básica e que tipo de “escolarização da literatura” este exame autoriza.

METODOLOGIA

A delimitação de uma metodologia requer a compreensão das especificidades do nosso objeto de estudo, a adoção de uma perspectiva coerente/atualizada sobre a produção do conhecimento científico, além da consciência da parcialidade do observador. O momento contemporâneo reserva pouco espaço para concepções absolutas, puramente objetivas em relação à ciência. A crise do paradigma tradicional, com a qual dialogamos, prevê a influência das perspectivas e valores do sujeito pesquisador na atividade investigativa, como também da



constatação de que a própria ciência constitui-se como processo social e histórico (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998).

É necessário considerar esse panorama quando pretendemos investigar questões relativas ao Ensino da Literatura. Primeiramente por ser a arte literária um fenômeno de civilização, dependente, “para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais” (CANDIDO, 2008, p. 21), muito embora saibamos que esses elementos não a determinam por completo. Associando-a ao Ensino, outros componentes passam a contribuir para a complexidade deste campo de pesquisa, como: uma metodologia escolar ainda - em sua maioria - pedagogizante e formativa da Literatura, que resulta em um ensino básico deficitário na construção do letramento literário da criança e do adolescente, dentre outras problematizações já citadas nesse projeto. Portanto, para a coleta, o tratamento e a análise dos dados do nosso estudo, pretendemos adotar a pesquisa qualitativa, cuja perspectiva nos permite uma aproximação da complexidade das práticas e relações sociais, sem excluir aspectos importantes das ações humanas – base das interações de ensino-aprendizagem – com suas intenções, significados e finalidades (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p 109.).

O método qualitativo de pesquisa vem sendo utilizado em parte significativa dos estudos em educação, por viabilizarem a compreensão do processo educativo a partir de perspectivas diversificadas. Ademais, consideram as particularidades da realidade educacional, constantemente vinculada a instituições e sujeitos diversos, concepções de mundo e práticas específicas. Para Triviños (1987), a respectiva metodologia é importante porque privilegia o ambiente natural para coleta dos dados que serão, predominantemente, descritivos; evidencia o processo em detrimento dos produtos e resultados; enfatiza a função do sujeito pesquisador; os dados são analisados de forma indutiva e a atenção concentra-se em seus significados.

CONCLUSÃO

Assim, pretendemos iniciar nosso percurso investigativo a partir de duas ações concomitantes: 1) um questionário geral, em larga escala, que procurará identificar o perfil sociocultural e o perfil da prática pedagógica de um número significativo de professores de Língua Portuguesa e Literatura das escolas públicas estaduais da Região Metropolitana do Recife; 2) levantamento e estudo de uma fundamentação teórica geral relacionada ao tema. Os dados obtidos serão utilizados para realizar a seleção de um quantitativo específico e reduzido de docentes que terá suas ações pedagógicas analisadas. Os critérios para seleção do grupo poderão ser



definidos/redefinidos durante o processo de pesquisa – o que também pode ocorrer com a teoria – uma vez que a pesquisa qualitativa não se baseia em etapas isoladas e as categorias de análise podem mudar ao longo do processo; mas a princípio, procuraríamos distinguir dois grupos de professores, utilizando como parâmetro a influência/não influência que estes alegam existir das avaliações ou matrizes de referência do ENEM em seus trabalhos na sala de aula.

Definidos os respectivos grupos, propõe-se que a continuidade da pesquisa aconteça nas unidades de ensino a que estariam vinculados os respectivos professores. As observações seriam realizadas por meio de entrevistas semiestruturadas e da análise documental. A primeira é condizente com os objetivos pretendidos em razão de não fixar uma relação de hierarquia entre pesquisador e sujeito entrevistado, criando uma interação entre as partes (LÜDKE e ANDRÉ, 1986.). Nessa mediação buscaremos interpretar que concepções de literatura norteiam os discursos dos professores, como os docentes analisam a avaliação nacional e de que forma eles entendem o tratamento dispensado à literatura no respectivo exame. Será importante também delimitar quais documentos oficiais eles apresentam como norteadores das suas práticas pedagógicas; se fazem uso da matriz de referência do ENEM, ou apenas utilizam as provas de forma isolada.

Na análise documental iremos explorar, além das matrizes de referência já citadas, materiais elaborados/selecionados pelo professor que se relacionem diretamente com o Ensino da Literatura (planejamento, fichas de aula, fichas de exercício, fichas produzidas com base na prova do ENEM, ou até mesmo a utilização da própria prova, textos ou livros literários, textos do livro didático, etc.). Tal procedimento é favorável porque complementa as informações, revelando novos aspectos do tema ou levantando novas problemáticas e questionamentos para a pesquisa. Não se pretende, no entanto, fazer dos documentos uma simples representações dos fatos, uma vez que, como afirma Flick (2009), estes representam uma versão particular da realidade e não devem ser utilizados como forma de legitimar os dados obtidos em outras etapas da investigação.

Por fim, os dados serão interpretados com o auxílio de instrumentos metodológicos que garantam uma significação que não se confunda com uma mera representação da realidade (BARDIN, 1995.), mas que interprete as relações conflitantes caracterizadoras desse objeto de estudo, como: que objetivos os professores de Língua Portuguesa das escolas públicas estabelecem para o ensino de Literatura no Nível Médio; de que forma estes objetivos são influenciados ou não pelo Exame Nacional do Ensino Médio e como isso intervém na prática docente; quais aspectos podem ser considerados eficientes na formação de leitores literários e quais contribuem para a



construção do letramento literário nas diferentes metodologias são algumas das problematizações do nosso estudo, cujo objetivo não é estabelecer respostas definitivas; mas contribuir para fomentar o debate científico sobre que métodos vêm sendo dispensados à formação do leitor literário nas escolas públicas do Recife.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Os números da cultura**. In: RIBEIRO, V. Letramento no Brasil. São Paulo: Global, 2003.

LIMA, Aldo de. O ensino da Literatura e a pedagogia do digesto. In: In: LIMA, Aldo de (Org.) **O direito à Literatura**. Recife: UFPE, 2012, p 41-53.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. & GEWANDSZNAJDER, F. (Org.). **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.

AGUIAR, Marta da Silva. **Teoria da Literatura e a formação inicial do professor de literatura em instituições de ensino superior particulares**. Recife: UFPE, 2013. (Diss.).

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Maria Lúcia Machado (trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

_____. O Direito à Literatura. In: LIMA, Aldo de (Org.) **O direito à Literatura**. Recife: UFPE, 2012, p 11-17.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

COSTA, Amanda Silva Falcão da. **Ensino de Leitura Literária – um estudo comparativo**. Recife: UFPE, 2010. (Diss.).

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.



FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ISER, Wolfgang. Teoria da Recepção: reação a uma circunstância histórica. In: **Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser**. ROCHA, João Cezar de Castro (org.). Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Rio de Janeiro, 1999.

LIMA, Luiz Costa. Quem tem medo de teoria? In: **Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.

_____. **Mimesis e modernidade: formas das sombras**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MACHADO, Maria Zélia Versiane. **A literatura e sua apropriação por jovens leitores**. Belo Horizonte: UFMG, 2003 (Tese).

SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

SINGLY, François. Le livre et la construction de l' identité. In: CHAUDRON, Martine & SINGLY, François de. **Identité – lecture, écriture**. Paris: Centre Georges Pompidou, 1993.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy A. M. et al. (Orgs.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

PAULINO, Graça. **Letramento Literário: cânones estéticos e cânones literários**. 22ª Reunião Anual da ANPED, 1999.

TRIVIÑOS, Augusto N. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.